

CECÍLIA E CAROLINA: A REPRESENTAÇÃO DAS AVÓS EM LUANDINO VIEIRA E MIA COUTO

Ana Claudia da Silva (UnB)

RESUMO: A historiadora Nancy D'Alessio Magalhães (2009), em pesquisa desenvolvida junto a estudantes angolanos da Universidade de Brasília e jovens moradores de um território quilombola nas imediações da Capital, percebeu a relevância da presença das avós nas memórias evidenciadas pelos relatos dos jovens, especialmente entre os angolanos. O relato dessa experiência nos levou a indagar sobre a presença das avós nas literaturas africanas de língua portuguesa e sobre a forma como são representadas por diferentes autores. Nesta comunicação, aproximamos, para essa verificação, as representações de avós presentes nos contos “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, de Luandino Vieira (1990), e “Sangue da avó, manchando a alcatifa”, de Mia Couto (1991). Ainda considerando que as narrativas estão situadas em contextos políticos diversos – pré e pós-independência, respectivamente; que suas protagonistas, Cecília e Carolina, percorrem diferentes trajetórias sociais; que pertençam a sistemas literários distintos (de Angola e Moçambique), ambas aproximam-se tanto pelo trabalho intenso de seus autores com a língua portuguesa, nos sentidos de dar-lhe uma feição nacional, quanto por ocuparem as obras de ambos os autores lugares de destaque no panorama das literaturas africanas. A comparação entre narrativa de Vieira e Couto vem sendo realizada há muito nos estudos comparados do macrossistema das literaturas de língua portuguesa (ABDALA JUNIOR, 1989), embora nenhum dos estudos dos quais temos notícia aborde diretamente a figura das avós, que permanecem marginalizadas tanto no âmbito literário quanto no extraliterário, da fortuna crítica de seus autores.

Palavras-chave: Literatura angolana. Literatura moçambicana. Avós.

A historiadora Nancy D'Alessio Magalhães (2009), em pesquisa desenvolvida junto a estudantes angolanos da Universidade de Brasília e a jovens moradores de um território quilombola nas imediações da Capital, percebeu a relevância da presença das avós nas memórias veiculadas nos relatos dos jovens, especialmente entre os angolanos. O relato dessa experiência levou-nos a indagar sobre a presença das avós na literatura, especialmente nas africanas de língua oficial portuguesa. Um breve olhar sobre o conjunto dessas narrativas permite destacar, dentre todas as avós literariamente representadas, aquelas presentes nas narrativas de Mia Couto e Luandino Vieira. Escolhemos, para este trabalho, aproximar Cecília, a Vavó Xíxi, do conto “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, de Luandino Vieira, e a avó Carolina, do conto “Sangue da avó manchando a alcatifa”, de Mia Couto.

Antonia Domínguez Miguela, em estudo sobre a herança feminina na narrativa latino-americana, aborda a figura mítica da avó como fundamental para a construção e recuperação da identidade cultural. Ao estar mais distanciada da criança, em gerações, que a mãe, a avó representa um modelo mais positivo de feminilidade, não autoritário,

tornando-se frequentemente o abrigo emocional da família, gozando de enorme respeitabilidade. Ela é, segundo a autora,

Ela é muito respeitada como transmissora de valores culturais e por sua luta ao longo de toda a vida. Portanto, a avó geralmente representa as seguintes funções dentro da narrativa latina: é um dos principais agentes culturais dentro da comunidade latina e reúne a experiência feminina e o passado cultural. Atua, assim, como memória coletiva feminina, substituindo a história oficial patriarcal, e como memória cultural latina em oposição à cultura dominante anglo-saxã. (MIGUELA, 2001, p. 109)

Nas narrativas africanas de língua portuguesa, encontramos também a presença das avós como agentes da memória cultural familiar e comunitária, bem como porta-vozes do mundo feminino, geralmente confinado ao espaço doméstico. Sua sabedoria não advém da ciência e tecnologia, mas da natureza e das tradições, isto é, do conjunto de conhecimentos e valores das culturas africanas transmitidos de geração para geração pela oralidade, criando “vínculos de permanência” (BORNHEIM apud PADILHA, 2007, p. 21).

Assim como as escritoras latinas, segundo Miguela, são capazes de integrar, na figura da avó, o passado e o presente, também nas literaturas africanas de língua portuguesa as avós fazem essa transição temporal, com força e criatividade, convertendo-se em figuras que se aproximam do mito. Se observarmos, por exemplo, as avós das narrativas de Luandino Vieira, Mia Couto e Ondjaki, perceberemos que, apesar de estarem colocadas em lugares socialmente diversos, essas mulheres são representadas sempre positivamente, como guardiãs da sabedoria ancestral e das tradições familiares. Seu conhecimento atua sempre na educação das crianças e jovens, cuja função é dar prosseguimento aos valores e saberes do grupo familiar e comunitário.

Sobe os “mais-velhos”

Ecléa Bosi, em seu ensaio *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (2010), afirma que “Além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem”. (BOSI, 2010, p. 77) Nas sociedades africanas tradicionais o “declínio biológico” coincide com o tempo da sabedoria. A velhice não tem como imagem o descimento das forças e funções biológicas, mas a ascensão espiritual do homem: o idoso é aquele que viveu muito; é valorizado e respeitado por isso. Assim,

diferentemente das sociedades ocidentais, que aposentam e não raro desamparam os mais velhos por considerá-los inúteis para o trabalho, frisando o aspecto decadente da velhice, em muitas etnias africanas de matriz banta a velhice é a categoria social mais preservada e valorizada pela sabedoria acumulada, que confere aos idosos – chamados “mais-velhos” – uma função social de relevância. Segundo Fábio Leite, nas sociedades negro-africanas, a divisão do trabalho garante o sustento ao mais-velho:

As pessoas jovens devem trabalhar mais do que as de idade mais avançada, e as atividades são organizadas de maneira a que aquelas, terminadas suas tarefas, ajudem estas a concluir as suas. Finalmente, a comunidade assegura às pessoas idosas, sem condições de carregar e manipular a enxada, o direito de não mais trabalhar a terra, não lhes faltando o essencial em seus celeiros até a morte. (LEITE, 1995, p. 11)

Outros estudos comprovam a importância do idoso nas sociedades africanas tradicionais. Em geral, cabe a ele não só educar as novas gerações no respeito às práticas e valores da tradição, mas também fazer a ligação entre a comunidade e os ancestrais. Com relação à ancestralidade, Padilha explica:

Assim como, esteticamente, a oralidade é um dos traços distintivos do discurso angolano, também a força vital constitui a essência de uma visão que os teóricos das culturas africanas chamam de visão negro-africana o mundo. Tal força faz com que os vivos, os mortos, o natural e o sobrenatural, os elementos cósmicos e os sociais interajam, formando os elos de uma mesma e indissolúvel cadeia significativa [...]. Intermediando o vivo e o morto, bem como as forças naturais e as do sagrado, estão os ancestrais, ou seja, os antepassados que são “o caminho para superar a contradição que a descontinuidade da existência humana comporta e que a morte revela brutalmente”, nas palavras de José Carlos Rodrigues (1983, p. 82)¹. Eles estão, assim, ao mesmo tempo próximos dos homens, dos deuses e do ser supremo, cujas linguagens dominam. (PADILHA, 2007, p. 26-27)

O conceito de ancestral minimiza o sentimento de descontinuidade da morte, afastado pela ideia de que a morte é o processo pelo qual a força vital do ser humano se desintegra e, novamente, pelos ritos funerários, se reintegra no plano da ancestralidade; ora, a comunicação entre os ancestrais e os vivos se dá através de ritos presididos pelos mais velhos. A eles, portanto, cabe a comunicação com os mortos, o que torna seu papel social ainda mais relevante e fundamental, visto que a incomunicabilidade com os ancestrais, ou o desrespeito a eles, pode trazer enormes prejuízos para a comunidade.

É comum encontrarmos nas narrativas africanas a figura do contador de histórias. Herdeiro da tradição dos griôs, o contador de histórias transmite, em suas narrativas,

¹ RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

conhecimentos acumulados pela tradição. Esse papel é também exercido pelos mais velhos. Segundo Laura Padilha:

[...] são eles, via de regra, os guardiães contadores de estórias, como são ainda os condutores das cerimônias pelas quais os neófitos ingressam nos mistérios do novo mundo, cujas portas lhes são abertas pela iniciação. O ancião liga o novo ao velho, estabelecendo as pontes necessárias para que a ordem se mantenha e os destinos se cumpram. (PADILHA, 2007 p. 42)

A palavra dos mais velhos, ainda segundo a autora, é o veículo que garante a preservação da identidade cultural das diversas etnias da África subsaariana, antes, durante e depois do período colonial (PADILHA, 2007). É por isso que uma das figuras mais recorrentes na representação literária dos idosos nas literaturas africanas de língua portuguesa são os avós, cuja presença na vida dos netos é bastante valorizada, com o objetivo de manter a tradição ou de construir uma crítica sobre o espaço destinado aos idosos nas sociedades africanas contemporâneas.

Observemos, agora, duas dessas personagens: Cecília e Catarina, ambas em trânsito, de espaços marginais para os centros.

Carolina

“Sangue da avó, manchando a alcatifa” é uma das crônicas-conto de *Cronicando*, o terceiro livro publicado por Mia Couto, em 1988, com narrativas breves situadas no período pós-independência de Moçambique, nos anos 80.

A narrativa abre-se com a advertência: “Siga-se o provérbio: dá-se o braço e logo querem a mão. Afinal, quem tudo perde, tudo quer. Contarei o episódio, evitando juntar o inútil ao desagradável. Veremos, no final sem contas, que o último a melhorar é aquele que ri.” (COUTO, 1991, p. 25) Provérbios são frases curtas, em geral com uma imagem forte, que sintetizam ensinamentos e são transmitidos pela oralidade. Ao inverter o sentido dos provérbios, corrompendo os ensinamentos tradicionalmente veiculados por eles, o narrador dá-nos uma pista de que a história a ser narrada também tratará de inversões e de uma realidade profundamente alterada.

Na sequência, ficamos sabendo que a família da avó mandou buscá-la do interior, onde, em razão da guerra civil que assolava o país, especialmente as zonas rurais, a já muito idosa Carolina vivia em “magras sobrevivências” (idem, p. 25), para a

capital, Maputo. Transplantada de seu mundo para o ambiente urbano, a avó, ao chegar, estranha o luxo e a riqueza do seu novo lar:

A vovó chegou e logo se admirou dos luxos da família. Alcatifas, mármore, carros, uísques: tudo abundava. Nos princípios, ela muito se orgulhou daquelas riquezas. A Independência, afinal, não tinha sido para o povo viver bem? Mas, depois, a velha se foi duvidando. Afinal, de onde vinham tantas vaidades? E por que razão os tesouros desta vida não se distribuem pelos todos? (COUTO, 1991, p. 25)

Ela, que em sua aldeia se gabava tanto da militância dos familiares em prol do povo, descobre agora os excessos e começa a fazer incômodas perguntas sobre a origem do dinheiro da família. Diante das perguntas, a filha desconversa e manda-a ver televisão; o genro diz que tudo provém das “horas extraordinárias” (idem, p. 26) que fazia.

À noite, a família reunia-se em torno da tevê. Catarina lembra-se das reuniões em roda da fogueira, na sua aldeia: “Quase lhe vinha um sentimento doce, a fogueira arredondando os corações. E lhe subia uma vontade de contar histórias. Mas ninguém lhe escutava” (ibidem). Na nova situação da família, a palavra dos mais velhos, dos contadores de histórias, é substituída pela programação televisiva, indicando uma alteração profunda na organização familiar, que prescinde da sabedoria ancestral e passa a ser regida pelos meios de comunicação de massa, que, ao invés de unir as pessoas, favorece o individualismo: “Os miúdos enchiam as orelhas de auscultadores. O genro, de óculos escuros, se despropositava, ressonante. A filha tratava-se com pomadas [...]” (ibidem).

Carolina ganha óculos, roupas e sapatos bonitos e sai a passear pela cidade, onde se depara com a miséria dos mendigos e esfarrapados. Voltando à casa, retira os adornos e roupas citadinas e volta a vestir-se com as “consagradas capulanas”, veste tradicional africana. A avó começa aqui sua viagem de retorno à aldeia: depois de quebrar a tela da tevê, Carolina reúne os cacos e se despede da cidade, deixando mancha de sangue incrustada no carpete. Essa mancha a família não consegue tirar e, como último recurso, recorre ao feiticeiro, que explica: “aquele sangue não terminava, crescia com os tempos. [...] Aquela mancha não podia, afinal, resultar de pessoa única. Era sangue da terra, soberano e irrevogável como a própria vida.” (idem, p. 28)

A avó que sangra é metáfora da inversão de valores que se operou na sociedade moçambicana pós-colonial. As culturas tradicionais, subjugadas pelo longo período colonial, não foram resgatadas por ocasião da independência; antes, continuaram

marginalizadas: no conto, a metáfora para essa situação é a substituição das histórias contadas pela avó pelas narrativas televisivas. O mundo antigo – do qual a avó figura como símbolo – não tem mais espaço na nação independente. E a avó, a fim de não se perder de suas raízes, volta para o interior – isto é, fica guardada, camuflada, alijada. Mas permanece lá.

Cecília, a Vavó Xíxi

Publicado em 1963, desde a prisão do Tarrafal, o livro de contos *Luuanda* fez parte da história da derrocada do império português. Em 1965, recebeu um prêmio da Sociedade Portuguesa de Escritores, que foi imediatamente destituída pelo Estado Novo de Salazar, censurada por dedicar o galardão a um preso político do MPLA – Movimento para a Libertação de Angola. O conto “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos” é o que abre a série de três longas narrativas desta publicação de Luandino Vieira.

Dona Cecília de Bastos Ferreira, esposa do abastado comerciante Bastos Ferreira, já tivera vida farta. Cecília tivera “casa de pequeno sobrado, com discípulas de costura e comidas, com negócio de quitanda de panos” (VIEIRA, 1990, p. 16-17), e contava com o abano da criada a atenuar-lhe o calor abrasivo. O revés da família, por motivo que não é abordado no conto, não derrubou a velha Cecília, agora conhecida no musseque em que mora por Vavó Xíxi: “Vavó Xíxi Hengele, velha sempre satisfeita, a vida nunca lhe atrapalhava, descobria piada todo o dia, todos os casos e confusões.” (idem, p. 11) Ao longo do enredo, o narrador vai apresentando-a ao leitor, descrevendo seus atributos: coração “velho e cansado”; pés “descalços e grossos”; olhar bom; sorriso “cheio de amizade e tristeza”; corpo “velho e curvado, [...] chupado da vida dos cacimbos”; mãos “secas e cheias de nós”. A maior parte dos atributos refere o declínio da natureza humana, expresso na adjetivação quase toda decadente.

Em sonho, Xíxi relembra Cecília e a “mão negra da mulher de pele brilhante” a atrair o olhar dos transeuntes.

Mas essas idéias, aparecidas durante o sono, não querem lhe deixar, agarram na cabeça velha, não aceitam ir embora, e a lembrança dos tempos do antigamente não foge: nada que faltava lá em casa, comida era montes, roupas era montes, dinheiro então nem se fala... continua a li morder-lhe, mesmo agora, não sendo mais dona Cecília Bastos Ferreira. (idem, p. 16)

Ao contrário de Carolina, cuja pobreza a faz ser levada para o espaço urbano, a Cecília a pobreza a leva para o musseque. E ela vai resignada: “Deus é pai, não é padrasto. Deus é que sabe...” (VIEIRA, 1990, p. 16) Xíxi agora enfrenta a fome; o neto, rapazinho que vive em sua companhia, chora de fome e sai à procura de trabalho, sem sucesso. Ela cozinha raízes de dália que semelham mandiocas para comer e passa mal: “[...] barriga estava a lhe doer, a cabeça cada vez mais pesada, o corp com frio. [...] A barriga mordía, estava doer muito.” (idem, p. 17-18). Ainda assim, é capaz de esquecer a própria dor para rir dos causos que a vizinha conta. O provérbio com que ela arremata a história da outra - “A mulher é como a panela: dela sai o que é branco, o que é preto, o que é vermelho...” (idem, p. 19). – é dito em quimbundo.

A fome é muita. Xíxi exorta o neto a encontrar trabalho, mas ele não acha nada. Às tantas, a avó pergunta se gostava de peixe de ontem e o neto responde, guloso, que sim, e insiste que a velha lhe mostre onde estava a comida. Espirituosa, a despeito da fome que corroía suas entranhas, ela responde: “Se gostas peixe d’ontem, deixa dinheiro hoje, para lhe encontrar amanhã!” (idem, p. 38). O neto, desiludido, encosta a cabeça no ombro da avó e chora feito a criança que há muito ele já não era.

Ao contrário de Carolina, Xíxi também se desloca espacial e socialmente: enquanto aquela vai do espaço rural para a cidade, esta vai da cidade para o musseque. Carolina se desilude com a família e a admoesta com uma lição; Cecília se decepciona com o neto e o corrige com uma sentença espirituosa, à maneira de provérbio. Ambas se movimentam, ambas guardam um saber que lhes permite lidar com os revezes da vida, ambas são, no seio da família, cada qual com a sua personalidade própria, a voz de um saber que teima em permanecer.

Situadas em contextos políticos diversos – pós e pré-independência, respectivamente; as protagonistas das duas narrativas, Carolina e Cecília, percorrem diferentes trajetos sociais; que pertençam a sistemas literários distintos (de Angola e Moçambique), ambas aproximam-se tanto pelo trabalho intenso de seus autores com a língua portuguesa, nos sentido de dar-lhe uma feição nacional, quanto por ocuparem as obras de ambos os autores lugares de destaque no panorama das literaturas africanas. A comparação entre narrativa de Vieira e Couto vem sendo realizada há muito nos estudos comparados do macrossistema das literaturas de língua Portuguesa (ABDALA JUNIOR, 1998), embora nenhum dos estudos dos quais temos notícia aborde diretamente a figura das avós, que permanecem marginalizadas tanto no âmbito literário quanto no extraliterário, da fortuna crítica de seus autores.

Referências

- VIEIRA, Luandino. Vavó xíxi e seu neto Zeca Santos. In: _____. Luanda. São Paulo: Ática, 1990. p. 5-38)
- COUTO, Mia. Sangue da avó manchando a alcatifa. In: *Cronicando*. Lisboa: Caminho, 1991.
- GOMES, Simone Caputo. Mia Couto, um griot do tempo. *Forma Breve*, Aveiro, n. 10, p. 241-254, 2013. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/viewFile/2814/2641>>. Acesso em: 04 ago. 2015.
- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Literatura, história, política*. São Paulo: Ática, 1989.
- MIGUELA, Antonia Dominguez. Revisión de roles y relaciones femeninas. Recuperación de la línea materna. In: _____. *Esa imagen que em mi espejo se detiene: la herencia femenina em la narrativa de latinas em Estados Unidos*. Huelva: Universidad de Huelva, 2001. p. 82-115. Disponível em: <<http://www.juntadeandalucia.es/averroes/~21003736/adm/latinas/herencia.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2015.
- PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EDUFF, 1995.
- BOSI, Ecléa. Tempo de lembrar. In: _____. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. *Africa: Revista do Centro de Estudos Africanos*, São Paulo, n. 18-19, p. 103-118, 1995/1996. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/temporarios/cea/revista/africa_018/af05.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2015.